



MEU CORPO, MINHAS REGRAS: A DESCOBERTA DO ORGASMO É UMA ALEGRIA, DE CLÁUDIA LAGE

Luciana de Queiroz

Universidade Federal da Paraíba

RESUMO: Como forma de controle e manutenção do poder, o patriarcado se apropria não só das práticas cotidianas, como profissão, participação política e cultural das mulheres, mas sobretudo de seus corpos. Desde a imposição das brincadeiras infantis, à proibição em usar roupas curtas como meio de evitar estupros, desde a gerência da maneira como sentar-se, como parir, da autorização de andar pelas ruas, à imposição da heteronormatividade compulsória, desde a vulgarização da prostituição e ao rechaço em tocar e ver a própria vagina, etc, etc, etc (*ad infinitum*), os corpos das mulheres e meninas são percebidos como mercadoria e meio de controle social. A autoria feminina que denuncia a violência sofrida e, por isso, salta a cerca do silêncio, ocupa um espaço de subversão que é ignorado por um sistema repressivo. É exatamente isso que faz Cláudia Lage (1970) em seu conto “Uma Alegria”. Nessa narrativa, Lage nos apresenta uma personagem feminina casada e com idade já avançada, que resolve buscar o seu prazer, conhecer a intimidade de seu corpo. Sozinha, cansada de toda uma vida de servidão e de negação de si mesma, desperta para algo que o cotidiano machista do matrimônio surrupiou: o direito ao orgasmo. Porém, até chegar a esse momento, a personagem passa por instantes de reviravolta existencial em que todos os rituais costumeiros de vida dedicada ao lar e ao esposo são reavaliados, suas crenças e sua forma de vida imposta são colocadas sobre a mesa e avaliados por ela mesma.

Palavras-chave: feminismo, corpo, literatura, conto.

INTRODUÇÃO

Como forma de controle e manutenção do poder, o patriarcado se apropria não só das práticas cotidianas, como profissão, participação política e cultural das mulheres, mas sobretudo de seus corpos. É sobre eles que recaem as formas de opressão mais agressivas sentidas por nós mulheres. Desde a imposição das brincadeiras infantis, à proibição em usar roupas curtas como meio de evitar estupros, desde a gerência da maneira como sentar-se, como parir, da autorização de andar pelas ruas, à imposição

da heteronormatividade compulsória, desde a vulgarização da prostituição e ao rechaço em tocar e ver a própria vagina, etc, etc, etc (*ad infinitum*), os corpos das mulheres e meninas são percebidos como mercadoria e meio de controle social. Faz parte de uma ideologia conservadora e machista impregnar as mentalidades de todas e todos de uma forma em que um patrimônio inalienável, que é o corpo, seja cooptado pelos mantenedores do poder econômico, religioso, político e social, para assim continuar no comando. Daí a ideia



de que o corpo da mulher não pertence a ela, mas é de propriedade dos homens.

Dessa forma, tornam-se bastante necessários artigos como este que abordam a problemática do direito ao orgasmo feminino, da construção consciente de domínio sobre o próprio corpo por parte de nós mulheres. Para isso, utilizamos a literatura de autoria feminina como um instrumento de denúncia feminista. Analisar o conto “Uma alegria”, de Cláudia Lage, sob a perspectiva da crítica feminista e salientar a produção literária brasileira de autora feminina são os principais objetivos deste artigo.

Vivemos em uma sociedade conservadora, patriarcal, lesbobifóbica, racista e capitalista em que as mulheres devem viver para agradar e servir aos homens, pois são os trabalhos de cuidado (produção de alimento, cuidado com crianças e idosos e idosos) que mantém os homens produzindo e gerando cada vez mais lucro para o mercado. Ou seja, a exploração do trabalho feminino não remunerado é de extrema importância para a manutenção do capitalismo e por isso ele é mantido.

Assim, há o controle constante sobre a vida e o corpo das mulheres. Desde cedo somos bombardeadas com falsas informações que indicam quais as posições sexuais que dão mais prazer aos companheiros, o Kama

Sutra e as revistas “femininas” que abarrotam as bancas, e os mais variados sites de pornografia são bons exemplos. Sem contar os clichês repetidos diariamente para as meninas, bordões como “homem não gosta de mulher que faça isso ou aquilo”. Procurar seu próprio prazer tornou algo distante para as mulheres, pois são divididas de forma estúpida entre aquelas que “servem para casar e as que não servem”. Conhecer seu próprio corpo e seu prazer tornou-se algo proibido, um tabu para a grande maioria das mulheres, principalmente para as heterossexuais.

Grosz (2000: p.83), em seu artigo intitulado “Corpos reconfigurados”, ao apontar seis critérios e objetivos que devem orientar um estudo teórico feminista sobre o corpo, defende que

as mulheres não podem mais ter a função de ser o corpo para os homens, enquanto os homens são deixados livres para escalar as alturas da reflexão teórica e da produção cultural.

A essa produção cultural deve-se incluir a produção econômica, política e intelectual, setores sociais esses em que as mulheres são inferiorizadas e tratadas como incapazes, pois são associadas, estrategicamente, apenas ao campo da emoção e do corpo, como afirma a própria Grosz, reduzindo sua capacidade racional de comando e de produção. A ideia de que a mulher não pode ser o único corpo para os homens é sinônimo da concepção de que as



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

mulheres sejam desvinculadas à concepção de mente, ideia esta, segundo Grosz (p.52) perpetrada filosoficamente desde Platão e Aristóteles. Ser o corpo para os homens tem um peso denotativo explícito, ou seja, ter seu corpo disponível e usado para cozinhar, lavar, gerar, limpar e dar prazer. Essa concepção patriarcal não pode mais ser admitida por nós mulheres, inclusive é, segundo Grosz, uma das seis ideias que devem nortear estudos teóricos feministas que envolvam conceitos sobre o corpo. Essa concepção de Grosz possui a mesma linha de pensamento que a de Ceregatti et all, quando afirmam que nós mulheres temos

o direito à autonomia sobre nossos corpos e nossa sexualidade, o direito de separar a sexualidade da maternidade e a decidir sobre se queremos ser mães e quando. Reafirmamos nossa visão de que a sexualidade é construída socialmente e somos sujeitos ativos no rechaço à heteronormatividade e na defesa do livre exercício da sexualidade sem coerção, estereótipos e relações de poder.” (CEREGATTI, p.39)

Há uma dificuldade generalizada em entender que os direitos negados às mulheres são construídos socialmente, assim como os padrões de sexualidade impostos. Quando se fala que religião, fronteiras, moda, profissões, são construídos ao longo da vida, todas e todos compreendem facilmente, contudo, por que é tão difícil entender a citação de Beauvoir (1967: p. 9) quando diz que “ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea

humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino”?. A concepção de que o arcabouço de normas e dogmas basilares em que são fundamentados e moldados os conceitos de ser homem e mulher são construídos socialmente, é defendida por feministas como Beauvoir e Ceregatti et all. As mulheres têm o direito ao “livre exercício da sexualidade sem coerção, estereótipos e relações de poder”, essa é uma questão essencial à vida das mulheres, ou seja, o direito ao prazer e ao controle do próprio corpo é uma das pautas dos movimentos feministas, aliás, pauta impulsionadora da Marcha das Vadias. O nível de opressão ao corpo da mulher é tanta que chega até aos momentos de maior intimidade. Carregar uma vida inteira de frustração sexual é a realidade da maioria das mulheres do mundo, e o patriarcado e o machismo são a fonte dessa coerção. Até mesmo encontrar material crítico-teórico sobre a relação entre mulher e seu desejo sexual ou orgasmo feminino ou direito das mulheres ao prazer, é difícil. Semelhante à citação de Beauvoir é a de Chimamanda Adchie, feminista e escritora nigeriana:

Somos seres sociais, afinal de contas, e internalizamos as ideias através da socialização. Ensinamos as meninas a sentir vergonha. “Fecha as pernas, olha o decote”. Nós as fazemos sentir vergonha da condição feminina, elas já nascem culpadas. Elas crescem e se

www.generoesexualidade.com.br

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

transformam em mulheres que não podem externar seus desejos. Elas se calam, não podem dizer o que realmente pensam, fazem do fingimento uma arte. (ADICHIE: 2014, p. 40-41)

Observo, através da denúncia de ambas as feministas, que apesar de décadas e continentes separando uma da outra, a condição da mulher não mudou. Obviamente que quanto mais pobre o país, mais a violência contra a mulher é perpetrada e uma das formas de transgressão e luta contra essa opressão sexista é a escrita. A prática da escrita permite às mulheres irem além da simples representação por outrem, é nela que escritoras e críticas feministas podem denunciar a opressão do exato lugar de quem está à margem, de quem sofre a opressão. É a autoria feminina que salta a cerca do silêncio e “resiste à definição justamente pelo espaço subversivo que ocupa e que é desconsiderado e refutado por um sistema repressivo” (ALMEIDA: 1999, p.700).

É exatamente isso que faz Cláudia Lage (1970) em seu conto “Uma Alegria”. Nessa narrativa, Lage nos apresenta uma personagem feminina casada e com idade já avançada, “Lavou também o rosto, afundou a água nas linhas das marcas da pele” (p.163), que resolve buscar o seu prazer, conhecer a intimidade de seu corpo. Sozinha, cansada de toda uma vida de servidão e de negação de si mesma, desperta para algo que o cotidiano machista do matrimônio surrupiou: o direito

ao orgasmo. Porém, até chegar a esse momento, a personagem passa por instantes de reviravolta existencial em que todos os rituais costumeiros de vida dedicada ao lar e ao esposo são reavaliados, suas crenças e sua forma de vida imposta são colocadas sobre a mesa e avaliados por ela mesma.

METODOLOGIA

Para a realização dos objetivos e concretização deste artigo utilizamos os seguintes passos: primeiro lemos criticamente o conto para apontar e selecionar fragmentos que correspondessem à temática da crítica feminista; em seguida selecionamos o arcabouço crítico-literário que serviu de fundamento e suporte teórico para relacionar a arte, no caso o conto, o a teoria, correspondente à crítica feminista. Depois da leitura de ambos, o estudo crítico foi realizado.

DISCUSSÃO

Com um tom essencialmente existencialista, a personagem de Cláudia Lage lembra as personagens de Clarice Lispector, embora com diferenças fundamentais. No caso de Clarice Lispector, as personagens femininas que passam por um processo de reconhecimento de sua condição de



inferioridade de gênero não necessariamente modificam seu comportamento e sua relação com as pessoas próximas, principalmente com seus companheiros. Acontece o que muitas críticas chamam de epifania, elas percebem sua infelicidade, contudo, não há o relato de uma mudança efetiva em suas vidas, assim, a rotina de opressão continua. Lembremos alguns desfechos de contos claricianos em que a vida matrimonial de mulheres heterossexuais são relatadas. O primeiro exemplo é o final do conto “Amor” e o segundo é da narrativa “A imitação da rosa”:

E, se atravessara o amor e o seu inferno, penteava-se agora diante do espelho, por um instante sem nenhum mundo no coração. Antes de se deitar, como se apagasse uma vela, soprou a pequena flama do dia. (LISPECTOR:1983, p. 31)

Ela estava sentada com o seu vestidinho de casa. Ele sabia que ela fizera o possível para não se tornar luminosa e inalcançável. Com timidez e respeito, ele a olhava. Envelhecido, cansado, curioso. Mas não tinha uma palavra sequer a dizer. Da porta aberta via sua mulher que estava sentada no sofá sem apoiar as costas, de novo alerta e tranquila como num trem. Que já partira. (LISPECTOR: 1983, p. 59)

Há uma percepção da infelicidade por parte das personagens, contudo a rotina dessas mulheres persiste. É narrado um dia diferente, mas que acaba como outro qualquer e prenuncia outro dia igual aos outros. Há a mulher que aguarda seu companheiro da forma mais atraente, contudo, rotineira. A compreensão da pequena mudança exposta no fragmento “que já partira” evidencia que a personagem estava diferente, mas não o suficiente para modificar sua condição de

vida. No caso de Lage, é como se narrasse o momento seguinte, os acontecimentos pós epifania, o momento em que a personagem do conto *Uma alegria* não só percebe que necessita e tem direito a sentir orgasmo, mas que procura conquistá-lo.

Não é difícil encontrar finais como esses apresentados anteriormente na narrativa clariciano, pois trata-se do seu estilo particular. Sem esquecer o recorte histórico que separa as duas autoras, o que pretendo chamar atenção é para o tom de denúncia e transgressão da narrativa de Lage. Em “Uma alegria”, o desejo da personagem gera uma reviravolta sexual e substancial na sua vida. No desfecho do conto, ao final de um longo parágrafo encontramos:

Por sete dias e sete noites não saíram da cama não tiveram outra vida. Ele disse: enfim posso morrer pois agora conheço a verdade escondida em todas as coisas: o sabor de cada tempo, a delícia. Ela riu dizendo: morrer não mas agora enfim posso ao menos entender o que é tirar a roupa e ficar desse jeito solto – não despida nem exposta: nua. (LAGE: 2008, p.178)

O empoderamento causado modifica sua forma de perceber o sexo e seu próprio corpo, conseqüentemente essa ação gera felicidade, uma alegria. A personagem não só percebe sua condição de mulher oprimida e reprimida sexualmente, mas procura uma mudança efetiva dessa condição. Essa mulher, depois de um bom tempo de sua vida, finalmente descobre que é a verdadeira dona de seu corpo e essa postura muda o cotidiano



do casal, trata-se, pois, de uma perspectiva feminista. Como afirma Rago (2015) em entrevista ao Instituto CPFL, “a arte feminista é essencialmente crítica, ela faz a crítica da cultura patriarcal, ela denuncia um mundo que é misógino, um mundo que desvaloriza as mulheres, desvaloriza os temas femininos, desqualifica o corpo das mulheres, é uma arte crítica”.

Como já esperava também, ele não ajudou. Quando, na cozinha, pôs a panela no fogo, ele, na sala, se sentou no sofá. Enquanto esticava a toalha na mesa, ele esticava as pernas sobre o tapete. Quando pôs a mão sobre o peito, um misto de cansaço e vergonha, ele espreguiçou-se todo, colocou a mão na barriga, coçou a barriga, e ligou a televisão (LAGE: 2008, p.164)

O que se observa, na narrativa de Lage em questão, é a denúncia da atitude opressora do marido em variadas situações. Por exemplo, embora ambos sejam idosos só à mulher cabe o trabalho doméstico, trata-se justamente de uma denúncia ao sistema patriarcal. Essa falta de ajuda e companheirismo por parte do marido já é aguardada pela mulher, pois costumeira. Notemos as palavras que refletem o comportamento do homem: sentou, esticou as pernas, espreguiçou-se, coçou e ligou a TV. Ações repetidas por homens, enquanto a esposa trabalha que só uma mulher é capaz de se inquietar com essas ações opressivas, isso o que Rago (2015) chama de arte crítica ao mundo misógino.

É sabido que algumas ideias de Simone de Beauvoir já foram reformuladas, contudo, outras estão ainda muito atuais. No capítulo V “Da maturidade à velhice” que discorre sobre a mulher durante a velhice, presente no volume II do *Segundo Sexo*, Beauvoir pontua características que infelizmente se reproduzem na maioria das mulheres brasileiras até hoje e que acomete a personagem em questão.

Sua agitação assume uma forma excêntrica, incoerente e vã porque só se destina a compensar simbolicamente os erros e malogros do passado. (...) Tudo o que recusara voluntariamente até então, ela resolve — antes que seja tarde demais — acolher. Confessa sua repugnância por um marido que tolerava antes e torna-se fria nos seus braços; ou, ao contrário, entrega-se a ardores que refreava; acabrunha o marido com exigências, retorna à prática da masturbação, abandonada desde a infância. (Beauvoir: 1967, p. 346)

O que cabe-nos pensar é o que Beauvoir define como “forma vã porque se destina a compensar os erros e malogros do passado”, este dado não pode ser direcionado à personagem em análise porque “sua agitação”, que eu traduziria por inquietação, assume sim uma perspectiva de conquistas e mudanças reais em sua vida. Quando a personagem afirma sorrindo que não deseja morrer “mas agora enfim posso ao menos entender o que é tirar a roupa e ficar desse jeito solto – não despida nem exposta: nua” (LAGE: 2008, p.178), ela está enfim libertando seu corpo dos dogmas patriarcais impostos a ela durante toda a sua vida, e esse empoderamento não é vão. Algumas



passagens no conto revelam uma mulher idosa que percebe toda a opressão que viveu, mas que está cansada dessa vida de servidão ao marido:

Perdi o gosto com a cozinha (LAGE: 2008, p.165)

Também se surpreendeu ao entrar na cozinha, na pia havia restos de comida, macarrão bife batata linguíça. Ele olhou aquilo, estranhando tudo (LAGE: 2008, p.172)

Fechou a cara. Mas, no fundo, até achou bom. Era uma coisa a menos para fazer. Pensou que podia ir visitar a neta, e ficar até mais tarde com ela. Contaria estórias, daria o último beijo antes da menina dormir. Ou não. Podia fazer outras coisas. Sim. Outras coisas. Ouuutraass. (LAGE: 2008, p.165)

Notemos que há uma intolerância ao cotidiano por parte da mulher. Ela já não suporta mais a rotina de servidão e obediência a que está submetida. Com o crescimento dos filhos, que no conto não fica claro quantos são, a mulher sente-se finalmente desobrigada da servidão familiar. A personagem se rebela contra a moral conservadora e rompe com o modelo de comportamento sexual considerado adequado às mulheres pelo sistema patriarcal.

É válido também observar a ausência de nomes próprios nas personagens, este recurso não as especifica, não delimitando o enredo à uma personagem feminina em si. A universalização das personagens pode ser percebida como uma denúncia feminista por parte da autora. Por exemplo, esse dado deixa claro que: o que acontece entre o casal é passível de acontecer com outros; a vontade

de conhecer o próprio corpo e atingir o orgasmo sozinha, é vontade de muitas mulheres, estejam elas em idade avançada ou não; as mulheres passam por situações de opressão e controle sexual. Dessa forma, a ausência do nome próprio, denuncia a condição de várias mulheres de todo o mundo. Sem a aparição de substantivos próprios em toda a narrativa, o narrador utiliza como critério para o desenrolar da trama a narração em terceira pessoa com maior afastamento por parte do narrador pelo fato de optar por não citar nomes.

Ela esticou os ouvidos. Queria ver se o marido estava em casa. (p.161)

Ele tomando a sopa, sem vontade de tomar. Ela também. Tinha os dois a mesma idade, então era como olhar no espelho o próprio tempo e cansaço. Ela sem fome, a comida se gosto. (p. 164)

A própria narrativa cita mais um caso de desejo da descoberta do orgasmo, o que comprova que a experiência de repressão sexual ocorre com outras mulheres. A não nomeação das personagens aponta para a gravidade do problema que assola as mulheres.

Ela leu a matéria no consultório do dentista, na sala de espera. Leu assim como se lesse qualquer outra coisa. O que a intrigou foi um depoimento. Uma senhora de 60 anos disse que nunca tinha conhecido a felicidade no amor – o que ela entendeu: *na cama* que não gostava de sexo. (p.167)

A protagonista lê esse depoimento enquanto estava na sala de espera de um consultório médico, um relato de outra mulher madura que, assim como ela, não conhecera a



satisfação sexual. A protagonista de “Uma alegria” compreende instantaneamente o eufemismo adotado pela revista ‘nunca tinha conhecido a felicidade no amor’ e rechaça, ela percebe, por experiência própria, que se trata de frustração sexual. É esse artigo da revista que a provocará e a ensinará a sentir o orgasmo, visto que toda a experiência sexual que tivera com o marido não fora suficiente para que ela atingisse um prazer sexual satisfatório.

Não só a ausência de nomes das personagens pode ser percebida no conto em questão. Outras ausências podem ser percebidas, por exemplo, existem poucas marcas cronológicas na narrativa, não há indicação de dias, anos e horas, clima, estações do ano, contudo há indicações de situações do cotidiano que apontam o período do dia, se é manhã ou noite, hora do jantar, hora do ato sexual no final e outros momentos que são explicitados: “De noite, a observou dormindo” (p.177), ou “No meio da madrugada, acordou, num sobressalto” (p.172). Não definir o tempo indica que uma personagem com as características semelhantes à do conto pode ser situada em qualquer época e que pode estar passando pela experiência de descoberta do orgasmo a qualquer momento.

A apropriação do espaço da casa é um dado também a ser considerado em “Uma

alegria”. No início da narrativa a personagem tem medo que o seu marido apareça e não se sente à vontade na própria casa para masturbar-se. E se não se sente à vontade na sua casa onde mais a mulher se sentiria segura para a prática da masturbação? À medida em que a personagem passa pelo processo de apropriação do próprio corpo, mais ela se apropria do espaço de sua casa.

Respirou, um ar que vinha lá do fundo lá de dentro. Ouviu então um barulho na porta. Barulho de chave. A porta abrindo, a porta fechando, passos. Correu como pôde para abrir a porta do quarto, correu como nunca para apagar qualquer evidência, embora não houvesse nenhuma. (LAGE: 2008, p.163)

Depois do empoderamento da mulher, o marido passa a ter mais cautela, respeita os instantes de solidão da esposa, circunda a casa como um forasteiro, apenas observando. Não é mais a mulher que tem medo da entrada súbita do homem em casa, mas é o homem que tem medo de entrar no espaço agora ocupado pela mulher, de invadir o espaço conquistado por ela. Ocorre a apropriação do seu lar, que dantes a ela não pertencia.

Depois entrou no próprio quintal, rodeou a própria casa, passou agachado como pôde pelas janelas. Não podia ser visto numa situação daquelas, espionando o próprio lar. Viu que a esposa não estava mais na cozinha. Foi se aproximando da janela da sala. Ouviu então o som da música. Uma canção antiga, que ele já havia esquecido. Ela tinha colocado o disco na vitrola, e estava na cadeira de balanço, balançando na suavidade da música. A cabeça um pouco tombada ara o lado, os olhos um pouco fechados. Estava bonita assim, ele achou. E perdeu a noção do tempo, ali, admirando-a. (LAGE: 2008, p. 174)



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Os corpos são reposicionados. A mulher se apropria da casa e dar-se o direito ao lazer. A atitude de ouvir música, balançar-se numa cadeira despreocupadamente e tomar vinho, causa estranheza ao marido tão acostumado à submissão da esposa, ao mesmo tempo em que sente atraído por aquela mulher que ele conheceu há tanto tempo, mas que reconhece que não a conhecia tão bem assim. O marido se surpreende com a mulher empoderada, estranha, porém gosta de vê-la assim. Não sabe bem o que fazer, nem como agir, por não compreender o mundo sem que o machismo governe. Apenas gosta e admira a nova mulher que diante dele se apresenta.

CONCLUSÃO

Dentro dos estudos feministas ou de gênero, a sexualidade feminina sob o comando dela mesma ainda é um tema escasso, prova disso são os estudos encontrados nos Cadernos Pagu em que este tema não aparece nos números disponíveis online, ou seja, são 30 volumes (do 16 ao 45) em que essa temática não pode ser encontrada, pelo menos não como assunto central de um artigo. Talvez porque o orgasmo feminino também seja tabu dentro dos estudos feministas brasileiros, talvez... É possível encontrar breves comentários ou artigos completos que discutem o tema do corpo feminino como um todo, que casa com as manifestações de rua, de luta política,

como a campanha do *Meu corpo minhas regras* e *O corpo é meu*. Ou seja, abordam o tema em seu aspecto geral: o corpo da mulher é da mulher e só a ela cabe o direito sobre ele. Ainda faltam muitos textos críticos que discutam a opressão sobre o orgasmo feminino, especificamente em detrimento de outros aspectos referentes à libertação do corpo feminino. É necessário ainda, dentro dos estudos feministas, observar e analisar a condição das mulheres heterossexuais e o direito ao orgasmo, como também observar como se dá o orgasmo entre mulheres lésbicas, se elas reproduzem essa opressão machista ou não. Há muito o que ser dito sobre a questão do orgasmo feminino nesta nossa sociedade patriarcal e capitalista.

Quanto à protagonista de “Uma alegria”, de Cláudia Lage, podemos concluir que se trata de uma mulher que transgride paradigmas conservadores que controlam o prazer feminino. Ela rompe o silêncio de uma vida quase inteira dedicada ao homem e à família. Uma personagem que não admite morrer sem experimentar o orgasmo, porque sabe que tem direito.

Com a leitura do conto “Uma alegria” podemos enfim perceber a voz emanada de uma narrativa de autoria feminina. Como uma bandeira de luta, o tom da narrativa deixa evidente que se trata de uma narrativa de cunho feminista, e não tenho medo de afirmar

www.generoesexualidade.com.br

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

isso. A crítica literária, pelo menos grande parte dela, precisa aceitar que existe uma literatura feita por mulheres com intenção de dirimir o desequilíbrio de direitos existente entre homens e mulheres. Há uma literatura feminista, sim, e o conto “Uma alegria”, de Cláudia Lage é um bom exemplo. É preciso reconhecer as manifestações literárias de autoria feminina de cunho feminista, porque são arte. Uma arte preocupada, comprometida com os problemas sociais que permeiam a vida das mulheres, contudo, arte, queiram os críticos machistas ou não.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADICHIE, Chimamanda. *Sejamos todos feministas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- ALMEIDA, Sandra Regina Goulart. O lugar do discurso feminino da transgressão. In: REIS, Livia de Freitas; et all (orgs). *Mulher e literatura 7*. Niterói, RJ: EdUFF, 1999.
- BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo*. vol II. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.
- CEREGATTI, Alessandra; FARIA, Nalu; et ali. *Feminismo em marcha para mudar o mundo: trajetórias, alternativas e práticas das mulheres em movimento*. São Paulo: Sempreviva Organização Feminista, 2015.
- GROSZ, Elizabeth. *Corpos reconfigurados*. Cadernos Pagu. 14, Campinas: 2000, pp. 45-86.
- LAGE, Cláudia. Uma alegria. In: *25 Mulheres que estão fazendo a nova literatura*. Organização Luiz Ruffato. São Paulo: Record, 2008.
- LISPECTOR, Clarice. *Laços de família*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.
- RAGO, Margareth. *Mulheres na arte e criações feministas*. Disponível em: <http://www.cpfcultura.com.br/2015/10/07/mulheres-na-arte-e-criacoes-feministas-com-margareth-rago-cafe-pocket/> . 7 de outubro de 2015.